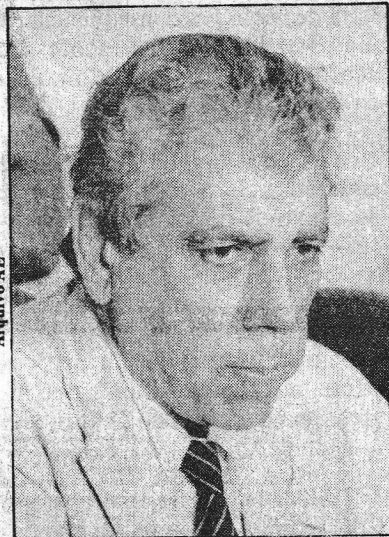


# PRN ou PT. Os empresários preferem a receita collorizada.

O candidato com melhores condições de enfrentar a crise econômica, segundo a maioria dos empresários paulistas, é Fernando Collor de Mello, do PRN, por sua identificação com a economia de mercado e contra a estatização. É assim que pensa o presidente do Grupo Itamaraty, Olacyr de Moraes, que considera fundamental reduzir o tamanho do Estado, posição contrária à do candidato do PT, Luís Inácio Lula da Silva. Antônio Ermírio de Moraes, diretor-superintendente do grupo Votorantim, também se posiciona a favor de Collor. "Não acredito no radicalismo, nem da esquerda nem da direita." Já o empresário Lawrence Pih, presidente do Moimho Pacífico, identifica o candidato do PRN com o que há de mais atrasado no pensamento econômico e incapaz de introduzir as mudanças exigidas pela sociedade.

Nenhum tipo de radicalismo, segundo Antônio Ermírio, seja de esquerda ou de direita, terá condições de oferecer alternativas viáveis para que o País saia da crise. Para Ermírio, "Lula tem uma raiva da gente inexplicável". Olacyr de Moraes se diz mais preocupado



Arquivo A.E.

*Ermírio, contra radicalismos.*

com as propostas econômicas e acha que o programa de Collor está mais afinado com as idéias do empresariado. Abram Szajman, presidente da Federação do Comércio, raciocina da mesma forma. "O PT defende um modelo falido no restante do mundo, como mostra a situação da Polônia e da Hungria." Para Szajman, o momento é de mundaça e "Collor de Mello consegue transmitir a imagem de modernidade que a sociedade exige".

Pih discorda. "Em nenhum

momento, nos últimos 30 anos, houve um crescimento tão grande do Estado e não foi por culpa do PT nem da esquerda. Os governos de direita dos últimos anos foram clientelistas, concentradores, ineficientes, incompetentes, corruptos, fisiológicos, paternalistas. Pode até ser que a esquerda seja pior, mas no momento nada podemos dizer. Eles precisam de oportunidade para mostrar o que são."

O empresário que entende que o capitalismo envolve concorrência, riscos, economia de mercado, segundo Pih, nada tem a temer. O caminho para o verdadeiro capitalismo, diz ele, passa pela necessidade de romper com a atual mentalidade, desmontando o modelo cartorial, monopolista e oligopolista. Eduardo Rocha Azevedo, presidente da Bolsa de Valores de São Paulo, também defende o que chamou de "transição econômica". Para ele, é necessário que haja mais concorrência, inclusive com a abertura da economia para o capital estrangeiro.

Mas seja quem for o eleito, afirma Oded Grajew, presidente da Associação Brasileira da Indústria de Brinquedos e Instrumentos Musicais (Abrinq), preci-

sará negociar, fazer acordos que envolvam trabalhadores, empresários e a classe política, a exemplo do que ocorreu em Israel, Espanha e Argentina. Na opinião do empresário, os dois candidatos ainda terão que fazer esforços para conquistar a confiança de toda a sociedade. É desta confiança, complementa Roberto Nicolau Jeha, diretor-adjunto do Departamento de Economia (Decon) da Fiesp, que dependerá a condução da economia, sem explosão da inflação até a posse do novo presidente. Jeha entende que o fundamental agora é segurar as expectativas negativas, que ajudam a elevar a inflação.

Entre as medidas urgentes que devem ser tomadas, a partir de 15 de março de 1990, segundo Jeha, está a redução da inflação, passando por uma reforma fiscal e recuperação da capacidade de investimentos do Estado. O novo governo deve preocupar-se também, imediatamente, segundo Antônio Ermírio de Moraes, com a dívida externa. É ela que pressiona o setor público, diz ele, e, indiretamente, a taxa de juros.

**Jane Soares  
Maroni J. da Silva**